

O QUESTIONAMENTO DOS MÉTODOS CIENTÍFICOS E A FENOMENOLOGIA

THE QUESTIONING ABOUT SCIENTIFIC METHODS AND THE PHENOMENOLOGY

Izabel Cristina Paez¹

RESUMO: A ciência se caracteriza por ser ou revelar o conhecimento acerca de algo, seja teórico ou técnico, por intermédio de métodos apropriados e rigorosos, ou seja, o método empregado nas investigações científicas tem uma sequência determinada de procedimentos, geralmente, peculiares ou adaptados ao descobrimento do saber almejado. O método fenomenológico compõe a pluralidade de métodos de pesquisa do pensamento contemporâneo, filosofia cujo pioneirismo é atribuído a Franz Brentano nas últimas décadas do século XIX, depois, tomado como objeto de reflexão por pensadores como Edmundo Husserl.

Palavras-chave: Ciência. Método. Fenomenologia. Método Fenomenológico.

ABSTRACT: Science is characterized for being or revealing knowledge about something, being it theoretical or technical, by means of adequate and rigorous methods, which means that the method applied in the scientific investigations has a certain sequence of procedures, usually, peculiar or adapted to the discovery of the desired knowledge. The phenomenological method composes the plurality of research methods of the contemporary thought, philosophy whose pioneering is attributed to Franz Brentano in the last decades of the nineteenth century after being taken as object of reflection by thinkers such as Edmundo Husserl.

Key-words: Science. Method. Phenomenology. Phenomenological Method.

Introdução

“O substantivo *scientia* procede do verbo *scire*, que significa “saber”; etimologicamente, ‘ciência’ equivale, pois, a ‘o saber’. Entretanto, não é recomendável ater-se a essa equivalência, pois há saberes que não pertencem à ciência: por exemplo, o saber que às vezes se qualifica de comum” (Grifo do autor)². Ao diferenciar a ciência do senso comum, este, o senso comum, pode ser denominado, de maneira genérica, como um conjunto de costumes utilizados para resolver problemas diários de forma não crítica. Após a revolução científica do século XVII, as investigações científicas e seus resultados se fundamentam em averiguações sistematizadas, realizadas por intermédio do empirismo, cujos cientistas têm o domínio sobre os fatores manipulados em seus experimentos³. Além desta diferenciação, a ciência pode ser diferenciada da filosofia.

Em relação à diferenciação entre filosofia e ciência, por um período que compreende vários séculos, a ausência desta diferenciação não foi significativa, por exemplo, não é fácil dividir o especificamente filosófico do especificamente científico na física aristotélica, porém esta junção permite a percepção das características do entendimento aristotélico acerca da natureza. No entanto, a ciência se tornou estudo

¹ Mestrado em psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

²MORA, J. F. (Org.). “Ciência”. In: _____. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobra, Marcos Bagno, Nicolas Nyimi Campanário. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 456.

³ ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “O conhecimento científico”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap.11, p. 156-163.

específico para áreas específicas, como as ciências da natureza, a física e a biologia, que foram se tornando autônomas e conduziram a disjunção entre ciência e filosofia⁴. “Embora Galileu se refira à ‘filosofia’ (esse saber universal), já começa aí o processo de separação entre ciência e reflexão filosófica. *Método*, em grego, significa ‘caminho’. E esse caminho Galileu encontra na união da experimentação com a matemática”⁵.

Em relação ao método de pesquisa científica, este é a via empregada para alcançar um objetivo pré-determinado, por exemplo, a aquisição de saber científico ocorre por intermédio de um conjunto de procedimentos ordenados, de forma que sua não utilização não conduziria ao alcance do objetivo almejado e sua utilização pode não só alcançar as metas como revelar outros conhecimentos não esperados acerca do objeto de estudo. Estas reflexões fizeram com que os métodos de pesquisa se tornassem objeto de estudo a partir da revolução científica do século XVII⁶. A metodologia, componente da lógica que examina os tipos de pensamento de maneira abrangente, seria o estudo de tipos específicos da aplicação prática do pensamento e, recentemente, o método de pesquisa está relacionado às problematizações epistemológicas e à metafísica. Independente das considerações sobre o método e de quem irá empregá-lo, “há em todo método algo comum: a possibilidade de ser usado e aplicado ‘por quem quer que seja’. Essa condição foi estabelecida com toda clareza por Descartes quando, em seu *Discurso do Método*, indicou que as regras metódicas eram regras de invenção ou de descoberta” (Grifo do autor)⁷.

1 Os métodos científicos utilizados pelas ciências da natureza

Galileu, para estudar a física, fundamentou-se nas leis da matemática, na prática de observar e realizar experimentos. A física, classificada como ciência da natureza, tal qual a química, a biologia e a astronomia podem ser estudadas por intermédio do método experimental composto por quatro fases: a observação científica, a elaboração de hipótese(s), a realização do experimento e a construção de conhecimento com base nas conclusões obtidas a partir dos resultados da experimentação⁸.

A primeira fase, a observação científica, trata-se de uma observação feita com exatidão e rigor, cujo objetivo é a explanação minuciosa dos fatos e já permeada pela teoria acerca do objeto de estudo. Pode ser feita com a utilização dos sentidos do cientista ou por intermédio de aparelhos desenvolvidos para tal fim, como o microscópio. A observação científica está direcionada para algumas particularidades do objeto estudado com base no questionamento que originou a investigação por intermédio da observação. Não se trata, portanto, de uma observação descomprometida, vale ressaltar que um mesmo fato ou objeto,

⁴ MORA, J. F. (Org.). “Ciência”. In: _____. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobra, Marcos Bagno, Nicolas Nyimi Campanário. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 456-461.

⁵ ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “A revolução científica do século XVII”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap.13, p. 179.

⁶ MORA, J. F. (Org.). “Método”. In: _____. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobra, Marcos Bagno, Nicolas Nyimi Campanário. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001. p. 1962.

⁷ MORA, J. F. (Org.). “Método”. In: _____. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobra, Marcos Bagno, Nicolas Nyimi Campanário. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001. p. 1962.

⁸ ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “O método científico”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap.14, p. 185-200.

observado nas mesmas condições, pode ter determinadas características ressaltadas por um observador que podem não ser ressaltadas por outro observador nas mesmas condições; “duas pessoas que observam a mesma paisagem não a registram como uma câmara fotográfica, porque o olhar humano é dirigido por uma *intenção*, ele *tende* para certos pontos e não outros [...] *a observação científica está impregnada de teoria*” (Grifo do autor)⁹.

A segunda fase, a elaboração de hipótese(s), pode se originar das reflexões do cientista acerca de seu experimento por intermédio da indução, de um pensamento hipotético-dedutivo ou da análise de situações ou acontecimentos que podem gerar explicações sobre o objeto de estudo.

A terceira fase consiste na realização do experimento, na qual o cientista observa os acontecimentos cujos fatores envolvidos estão sob seu domínio. Por fim, a quarta fase, na qual ocorre a construção de conhecimento fundamentado nas conclusões pautadas nos resultados da experimentação. São propostas que visam explicar a ação de determinado fenômeno como, por exemplo, “o calor dilata os corpos, [...]. Nem sempre, porém, é possível atingir uma universalidade rigorosa. Nesses casos, existem leis estatísticas baseadas em probabilidades. [...] *As leis teóricas ou teorias* propriamente ditas são leis mais gerais e abrangentes que reúnem as diversas leis” (Grifo do autor)¹⁰.

2 Os métodos científicos utilizados pelas ciências humanas

A ciência econômica teve seu início a partir de 1700 com os estudos de Adam Smith e foi pioneira entre as ciências humanas, seguida da sociologia e da psicologia. A sociologia positivista de Augusto Comte, na primeira metade do século XIX, teve outros pensadores como Durkheim, o qual fez uso da estatística para explicar os fenômenos sociais, e Weber que propôs a compreensão como método de pesquisa em oposição à explicação, por considerar a explicação característica das ciências da natureza. A psicologia, a partir dos estudos de Wilhelm Wundt, tratou de “[...] processos de controle experimental. [...] não se aventura[ou] a estudar os processos mais complexos do pensamento, por considerá-los inacessíveis ao controle experimental.[...] estabelecendo as relações entre os fenômenos psíquicos e o seu substrato orgânico, sobretudo cerebral”¹¹.

Ao contrário das pesquisas em ciências da natureza que têm como característica a objetividade e, ao realizar um experimento, têm a possibilidade de controlar os fatores que permeiam seu objeto de estudo, nas ciências humanas, o objeto de estudo é o indivíduo, sujeito à subjetividade e às determinações genéticas em meio às relações sociais, políticas, à atuação da memória e da consciência. Tais fatores são difíceis de controlar em um experimento e cujo controle pode conduzir a resultados que não corresponderiam ao

⁹ ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “O método científico”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap. 14, p. 186.

¹⁰ ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “O método científico”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap. 14, p. 189.

¹¹ ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “As ciências humanas”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap. 15, p. 202.

ocorrido no ambiente natural e, além disso, devem ser considerados os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos. Os fenômenos nas ciências humanas são predominantemente qualitativos e, quando há uso de cálculos, eles ocorrem por intermédio da estatística e das probabilidades decorrentes desta¹².

2.1 O método fenomenológico

O método fenomenológico utilizado nas pesquisas em ciências humanas originou-se na filosofia, o predecessor da fenomenologia foi Franz Brentano, seguido por Edmundo Husserl, cuja reflexão filosófica “[...] se orienta para a discussão da situação gerada pelo positivismo: a crise da filosofia, a crise das ciências e a crise das ciências humanas”¹³, tentando argumentar sobre a necessidade de rever os princípios e razões que fundamentam as investigações em filosofia, em ciências humanas e a possibilidade das investigações científicas em ciências humanas. Propõe a suplantação da dualidade cartesiana, constituição física do indivíduo versus alma, “a clássica questão da relação sujeito-objeto”¹⁴. “A fenomenologia propõe a superação da dicotomia”¹⁵ e a crítica inicial da fenomenologia ao positivismo está relacionada à objetividade “não há *factos* com a objetividade pretendida, pois não percebemos o mundo como um dado bruto, desprovido de significados; o mundo que percebo é um mundo *para mim*” (Grifo do autor)¹⁶.

Husserl, ao conhecer os estudos empíricos em psicologia de Franz Brentano, reconhece que tratam de diferenciar os fenômenos psíquicos, porém se propõe ir além¹⁷.

A grande contribuição de Brentano consiste de início em distinguir fundamentalmente, os fenômenos psíquicos, que comportam uma *intencionalidade*, a visada de um objeto, dos fenômenos físicos; em seguida, em afirmar que esses fenômenos podem ser percebidos e que o modo de percepção original que deles temos constitui o seu conhecimento fundamental. [...] Eis aí, com efeito, uma posição estratégica forte, já que a descrição do fenômeno *tal como ele é* obedece às exigências do positivismo reinante, que exclui todo conhecimento que não venha da experiência e permite, por outro lado, aceder ao concreto e à vida que a ciência tinha tendência a esquecer. A exploração do campo de consciência e dos modos de relação ao objeto, que a escola de Brentano persegue com Stumpf e Von Meinong, delimita o que se tornará o campo de análise da fenomenologia de Husserl. Mas essa escola fica na descrição dos fenômenos psíquicos, e não responde às questões fundamentais que Husserl se coloca: poderá um conceito lógico ou matemático, como um número, se reduzir à operação mental que o constitui, por exemplo, à numeração? E se ele não reduz a isto, não será o estudo da operação mental mais que simples descrição do psiquismo? Um ultrapassamento da psicologia descritiva de Brentano se verifica

¹² ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “As ciências humanas”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap. 15, p. 201-212.

¹³ ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “As ciências humanas”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap. 15, p. 206.

¹⁴ ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “As ciências humanas”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap. 15, p. 206.

¹⁵ ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “As ciências humanas”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap. 15, p. 206.

¹⁶ ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “As ciências humanas”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap. 15, p. 206.

¹⁷ DARTIGUES, A. “Um Positivismo superior” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p. 13-29.

necessário e é este ultrapassamento que Husserl realizará sob o nome de fenomenologia (Grifo do autor)¹⁸.

Em relação à definição de fenomenologia, pode ser definida como a “descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição”¹⁹ ou “o exame das ‘ideias’ tal como de fato surgem e desaparecem no curso dos processos da mente”²⁰. “O método fenomenológico consiste, portanto, em considerar todos os conteúdos da consciência. Em vez de examinar se esses conteúdos são reais ou irrealis, ideais, imaginários, etc., procede-se a seu exame na medida em que são puramente dados”²¹.

Ao conhecer os estudos de Brentano, Husserl, como outros pensadores contemporâneos a ele, questiona a aplicação dos métodos utilizados nas pesquisas em biologia, física, ciências naturais para o estudo das ciências humanas, sobretudo a psicologia, alegando que seus objetos de estudo são distintos, “a natureza só é acessível indiretamente, a partir dos fatos esparsos cuja unidade e coerência não são jamais senão hipotéticas, a vida psíquica é ao contrário um dado imediato que não exige nenhuma reconstrução, mas somente uma descrição”²². O objeto dos estudos experimentais em psicologia não está bem definido, porque eles não têm uma definição clara deste, ou seja, fazem mensurações sobre, por exemplo, a percepção sem ter uma explicação contundente sobre ela, conduzindo, portanto, a resultados passíveis de provocar confusão entre “[...] a descoberta das causas exteriores de um fenômeno com a natureza própria deste fenômeno. [...] que os princípios diretores do conhecimento não são senão a resultante de leis biológicas, psicológicas ou sociológicas. [...] Essa tendência que Husserl combate sob o nome de *psicologismo*” (Grifo do autor)²³. Os resultados dos estudos em ciências humanas, composto pelos fenômenos que envolvem os seres humanos, e a obtenção de saber sobre a humanidade e suas ações ficam sem crédito quando estes fenômenos são tratados como “[...] simples fenômenos naturais: neste caso elas [as ciências humanas] aniquilam não somente seus próprios pressupostos, mas também os de toda outra forma de conhecimento, quer se trate de filosofia ou da ciência”²⁴.

Husserl almejava um caminho entre as propostas da metafísica e do positivismo “[...] que, antes de todo raciocínio, nos colocaria no mesmo plano da realidade ou, como diz Husserl, das ‘coisas mesmas’ [...]

¹⁸ DARTIGUES, A. “Um Positivismo superior” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p. 15-16.

¹⁹ ABBAGNANO, N. (Org.) “Fenomenologia”. In: _____. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 437.

²⁰ MORA, J.F. (Org.) “Fenomenologia”. In: _____. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobra, Marcos Bagno, Nicolas Nyimi Campanário. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001. p. 1013.

²¹ MORA, J.F. (Org.) “Fenomenologia”. In: _____. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobra, Marcos Bagno, Nicolas Nyimi Campanário. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001. p. 1015.

²² DARTIGUES, A. “Um Positivismo superior” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p. 16.

²³ DARTIGUES, A. “Um Positivismo superior” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p. 17.

²⁴ DARTIGUES, A. “Um Positivismo superior” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p.17.

se é verdade que os fenômenos se dão a nós por intermédio dos sentidos [...] Eis, por que, para além dos dados dos sentidos, a intuição será uma intuição da essência ou do sentido”²⁵.

Se todo fenômeno tem uma essência, o que se traduzirá pela possibilidade de designá-lo, nomeá-lo, isso significa que não se pode reduzi-lo à sua única dimensão de fato, ao simples fato que ele tenha se produzido. Através de um fato é sempre visado um sentido. Husserl gosta de evocar a esse respeito o exemplo da “IX Sinfonia”. Esta pode se traduzir pelas impressões que experimento ao escutar este ou aquele concerto, pela escritura desta ou daquela partitura, pela atividade do regente de orquestra ou dos músicos etc. Em cada caso poderei dizer que se trata da “IX Sinfonia” e, contudo, esta não se reduz a nenhum desses casos, se bem que ela possa a cada vez se dar neles inteiramente. A essência da “IX Sinfonia” persistirá mesmo se as partituras, orquestras e ouvintes viessem a desaparecer para sempre. Ela persistiria, não como uma realidade, com um fato, mas como uma *pura possibilidade*. Não obstante, é essa pura possibilidade que me permite distingui-la de imediato de toda outra sinfonia, mesmo se o disco no qual eu a escuto está riscado ou se a orquestra é ruim. [...] Vemos que a intuição da essência se distingue da percepção do fato: ela é a visão do sentido ideal que atribuímos ao fato materialmente percebido e que nos permite *identificá-lo*. Se a essência permite identificar um fenômeno, é porque ela é sempre idêntica a si própria, não importando as circunstâncias contingentes de sua realização (Grifo do autor).²⁶

A percepção da essência ocorre por intermédio da experiência, na qual estão implicados os órgãos dos sentidos inicialmente. A essência do objeto encontra-se na consciência, já que é a partir da existência da essência do objeto na consciência que é possível acessá-la, sem misturá-la aos fenômenos psíquicos para evitar o psicologismo²⁷.

Consciência e objeto não são, com efeito, duas entidades separadas na natureza que se trataria, em seguida, de pôr em relação, mas consciência e objeto se definem respectivamente a partir desta *correlação* que lhes é, de alguma maneira, co-original. Se a consciência é sempre “objeto *para* a consciência”, é inconcebível que possamos sair dessa correlação, já que, fora dela, não haveria nem consciência nem objeto. Assim se encontra delimitado o campo de análise da fenomenologia: ela deve elucidar a essência dessa correlação na qual não somente aparece tal ou qual objeto, mas se estende o mundo inteiro. [...] Se, com efeito, a correlação sujeito-objeto só se dá na intuição originária da vivência (*Erlebnis*) de consciência, o estudo dessa correlação consistirá numa análise descritiva do campo de consciência, o que conduzirá Husserl a definir a fenomenologia como “a ciência descritiva das essências da consciência e de seus atos”. Mas não se trata aqui de uma psicologia descritiva tal como a praticava Brentano, pois a consciência contém muito mais que a si própria: nela percebemos a essência daquilo que ela não é, o sentido mesmo do mundo em direção ao qual ela não cessa de “explodir” (*éclater*), como dirá Sartre (Grifo do autor)²⁸.

A averiguação intencional propõe a diferenciação entre “sujeito e objeto ou consciência e mundo, uma correlação mais original que a dualidade sujeito-objeto e sua tradução em interior-exterior, já que é no

²⁵ DARTIGUES, A. “Um Positivismo superior” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p. 18-19.

²⁶ DARTIGUES, A. “Um Positivismo superior” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p.19-20.

²⁷ DARTIGUES, A. “Um Positivismo superior” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p.13-29.

²⁸ DARTIGUES, A. “Um Positivismo superior” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p.23-24.

próprio interior da correlação que se opera a separação entre interior e exterior”.²⁹ Para a fenomenologia, o objeto e o mundo se constituem na consciência, “a fenomenologia abarca tudo que abarcam as metafísicas tradicionais, mas sem jamais abandonar o solo da experiência, já que a referência à intuição é permanente. Assim, pode-se falar a seu respeito como de um positivismo superior”³⁰. A redução fenomenológica faz surgir

o mundo como fenômeno e se a gênese de seu sentido é perceptível na vivência da consciência, nem tudo está dito sobre o sentido dessa vivência, sobre o sentido das estruturas nas quais se constitui o sentido do mundo. [...] A redução fenomenológica fez, com efeito, aparecer como resíduo, que não pode ser reduzido, a vivência de consciência. Mas essa vivência é vivida por um sujeito, ao qual se referem os objetos do mundo e de onde vêm as significações. A análise da consciência, voltando-se para seu lado-sujeito ou noético, se torna então análise da vida do sujeito no qual e para o qual se constitui o sentido do mundo³¹.

Quanto aos recursos do método fenomenológico, com o intuito de obter a “essência, não se trata de comparar e de concluir, mas de reduzir”³², ou seja, da depuração do fenômeno daquilo que não é essencial, para revelar apenas a sua essência, processo que Husserl denominou de “redução eidética”³³, a qual se dá por intermédio de um trabalho reflexivo “sobre o fenômeno cujo sentido se busca, qualquer que seja por um lado a maneira pela qual dele tratam as ciências empíricas”³⁴.

Conclusão

Fundamentada na argumentação dos autores citados, é possível concluir que as ciências da natureza e ciências humanas se diferenciaram da filosofia e do senso comum por intermédio de métodos específicos, adaptados para a obtenção de conhecimentos específicos que possam revelar ou tornar possível o conhecimento sobre a natureza, o homem e suas ações. A fenomenologia de Husserl emergiu da crítica a objetividade do positivismo e da crítica ao psicologismo, no entanto, ressaltou a importância da experiência para a aquisição do conhecimento, característica do positivismo. Sendo assim, é possível considerar a existência de uma crítica a alguns aspectos do positivismo e não ao positivismo como um todo, sem esquecer que este método é parte dos estudos filosóficos de Husserl.

²⁹DARTIGUES, A. “Um Positivismo superior” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p.24-25.

³⁰DARTIGUES, A. “Um Positivismo superior” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p.27.

³¹DARTIGUES, A. “Um Positivismo superior” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p.28.

³²DARTIGUES, A. “Uma prática científica” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p. 32.

³³DARTIGUES, A. “Uma prática científica” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p. 32.

³⁴DARTIGUES, A. “Uma prática científica” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p. 32.

Referências

- ABBAGNANO, N. (Org.) “Fenomenologia”. In: _____. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 437-439.
- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “O conhecimento científico”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap. 11, p. 156-163.
- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “A revolução científica do século XVII”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap. 13, p. 177-184.
- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “O método científico”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap. 14, p. 185- 200.
- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. “As ciências humanas”. In: _____. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. cap. 15, p. 201- 212.
- DARTIGUES, A. “Um Positivismo superior” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005, p. 13-29.
- DARTIGUES, A. “Uma prática científica” In: _____. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. p. 31-46.
- MORA, J. F. (Org.). “Ciência”. In: _____. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobra, Marcos Bagno, Nicolas Nyimi Campanário. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000. p. 456-461.
- MORA, J. F. (Org.). “Método”. In: _____. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobra, Marcos Bagno, Nicolas Nyimi Campanário. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001. p. 1962-1965.
- MORA, J. F. (Org.). “Fenomenologia”. In: _____. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobra, Marcos Bagno, Nicolas Nyimi Campanário. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001. p. 1013-1018.